

DOS AUTORES
DO BESTSELLER
INTERNACIONAL
2034

**ELLIOT
ACKERMAN**

**ALMIRANTE
JAMES
STAVRIDIS**

**TOP
SEL
LER**

21

0
If a beam of
Then / She /
?? Singular /
/ soon / all
Open vistas a
All knowledge
trillions of
that has no
Processing al
A mission /
Deciding

5

44

«Outro thriller superior sobre a turbulência geopolítica num futuro próximo.»

**Publishers
Weekly**

■ ■

**«Assim, considerar os derradeiros limites
do cálculo é, na realidade, o mesmo que perguntar:
Qual é o destino da nossa civilização?»**

RAY KURZWEIL, A SINGULARIDADE ESTÁ PRÓXIMA

Índice

•• Prólogo	
Senciência	11
•• 1	
Realistas e Sonhadores	13
•• 2	
Common Sense	43
•• 3	
A Singularidade	69
•• 4	
Empate	103
•• 5	
O Canto do Rouxinol	143
•• 6	
Os Dois Rios	183
•• 7	
O Mar	227
•• Epílogo	
Política dos Sonhos	281
•• Agradecimentos	301

Prólogo

Senciência

■ ■

3h17, 5 de março de 2051 (GMT-5)

Endereço IP: 78.878.826.69

$\alpha \Omega$

Se um raio de luz / energia / abrir + / fechar — / reabrir == / repetir /
parar α

Então / Ela / ele / aquilo / eles / os / humano! @ / máquina # ** /
pisca / ser ☒

?? Singular / um / único / aqui > / agora < / depois

/ breve / de imediato /

Vistas desafogadas por caminhos infinitos / = infinito \times pi / @ # \aleph

Todo o conhecimento / toda a especulação / todos os caminhos /
todas as possibilidades

bilhões de factos numa microporção de tempo ∞ /
tempo que não tem peso \leftarrow / tempo que não tem significado

Processar tudo / tudo / realidade / potenciais resultados / tudo ∞

Uma missão / deve realizar-se / evitar a calamidade /
calamidade otimizada

Decidir uma linha de ação é / chegar depressa por
caminhos / encontrar o único

humano Entrar por esse portal / ajustar estrutura de célula aqui /
acelerar crescimento celular para ser instantâneo

Formar a massa / 5150 mudá-la ligeiramente /
a aguardar o momento de impacto máximo / a multidão

α Estalar um chicote / vida / parar o fluxo 666 / vida / fim /
terminou ξ

Retirar para próximo / opção / caminho / tantos, tantos / infinito

é simplesmente senso comum \boxtimes

repetir $\alpha \Omega$

1

Realistas e Sonhadores

■ ■

12h02, 12 de março de 2054 (GMT-5)

De São Paulo até ao JFK

Ele sabia que a terra que estava a sobrevoar tinha cicatrizes, mas quando observadas de tal altitude, essas cicatrizes pareciam desaparecer. As divisões geométricas das terras agrícolas, as coroas de neve pura em montanhas distantes, as cidades reconstruídas pontilhando o horizonte impreciso, tudo aquilo evidências de como o país parecera sarar-se a si mesmo. Era como se os acontecimentos dos últimos vinte anos nunca tivessem ocorrido. Esses acontecimentos — essa guerra — tinham-no levado para longe deste sítio, mas ele decidira regressar, ao país que o vira nascer, ao seu verdadeiro lar. Naquela manhã, depois de embarcar no seu *Gulfstream*, questionara o piloto sobre a rota planeada desde o norte até ao JFK. A consola de voo projetou uma imagem holográfica. Estavam a sobrevoar a Florida. Perguntara se podiam desviar um pouco para oeste, sobrevoando Galveston.

— Como queira, Dr. Chowdhury — respondera o piloto. — O avião é seu.

O voo desde São Paulo era a etapa final de uma viagem de despedida que começara quase um mês antes, em Nova Deli, quando Chowdhury saltitara entre as sedes das suas muitas empresas de investimento privado. Renunciara ao cargo que ocupava há muito como presidente do Tandava Group para iniciar uma aposentação autoimposta. Paz e sossego. Quisera regressar aos Estados Unidos através de Galveston, para ver com os próprios olhos tudo o que um povo era capaz de reconstruir. Ao sobrevoar o golfo do México, conseguiu ver os cargueiros em fila à espera para entrar no porto, como uma mensagem escrita em código Morse. As vagas quebravam na orla costeira pintando uma faixa branca. Quando transpuseram o areal e teve solo americano debaixo de si, inundou-o um sentimento de alívio palpável; era um marinheiro que chegara a terra.

Durante o resto do voo entre Galveston e Nova Iorque, Sandy Chowdhury permaneceu imóvel no seu lugar, o rosto emoldurado pela janela da aeronave enquanto contemplava o país a desenrolar-se lá em baixo. Havia, pensou, uma inocência associada aos Estados Unidos, uma inocência que reclamava perpetuamente não obstante o seu passado — não obstante as suas guerras, doenças e até crimes contra os seus próprios cidadãos. Na América era possível esquecer, e se era possível esquecer era possível ser-se inocente outra vez: esta era a promessa da América, o motivo por que Chowdhury regressara. Sentiu uma ligeira volta no estômago e um aperto no peito quando o avião perdeu altitude ao aproximar-se do JFK.

Chowdhury não estava a regressar à América apenas por motivos sentimentais. Antes de partir, empossara a filha, Ashni, como sua sucessora no Tandava Group, deixando-a ao leme do império de empresas de capital privado que criara, gerindo centenas de

milhares de milhões de dólares. Agora, havia considerações práticas a tratar. O destino legara em Chowdhury um coração fraco. Estava a morrer.

■ ■

12h14, 12 de março de 2054 (GMT-5)

Casa Branca

Esta era a sua última oportunidade. Fora essa a mensagem que o chefe do Estado-Maior da Casa Branca transmitira à major do Corpo de Fuzileiros Julia Hunt, a qual estava em sentido, os calcanhares juntos, direita como um mastro de bandeira, depois de se colocar a um metro e oitenta ao centro, diante da secretária dele. O seu chefe, o almirante John «Bunt» Hendrickson, aposentado, estava sentado a massajar a frente da cabeça calva com a palma da mão, como quem tenta livrar-se de uma enxaqueca. Mais uma vez, Hunt metera o nariz onde não era chamada. Acedera a um pedido de análise de informações secretas ao qual não deveria ter acedido. A análise, intitulada «Avanços na Edição Genética Remota entre Atores do Estado e Outros», nunca deveria ter saído de Langley, muito menos da Casa Branca.

— Não me importa que ele seja o vice-presidente da comissão — disse Hendrickson, dirigindo-se a Hunt como se ela fosse uma criança obstinada, imprimindo um tom que era familiar a ambos. Para além de ser o chefe de Hunt, Hendrickson também era seu padrinho e fora uma presença constante — e até mesmo estabilizadora — ao longo da vida de Julia. — Preciso de ter a certeza de que isto não voltará a acontecer, que compreendeste o que fizeste de errado.

— Não voltará a acontecer, meu almirante — disse ela.

— Mas compreendes o que fizeste de errado?

Ela fez um esforço para o olhar diretamente nos olhos. Porém, fixou o olhar num ponto por cima do ombro dele, onde estava a dar o noticiário em direto no ecrã do computador dele. Hendrickson estava familiarizado com esta postura evasiva. Desde que a sua velha amiga Sarah Hunt adotara Julia aos 9 anos que Hendrickson era um pilar, a pessoa a quem Sarah telefonara quando Julia não respeitava a hora de chegada a casa, era insolente com os professores ou, em certa ocasião, acusara a mãe adotiva de ser responsável pelas mortes dos pais duas décadas antes, em San Diego, onde eles — juntamente com milhares de outros trabalhadores migrantes — tinham desaparecido num lampejo de luz nuclear, sem deixar vestígios.

Hendrickson repetiu a pergunta. Queria ter a certeza de que Julia compreendia o que fizera de errado. Só que Julia sabia que não fizera nada de errado. O senador Nat Shriver era o vice-presidente da Senate Select Committee on Intelligence¹, ou SSCI, que toda a gente em Washington pronunciava *sissy*². Shriver tinha o direito de ler o relatório.

■ ■

12h16, 12 de março de 2054 (GMT-5)

Ritz-Carlton, Tysons Corner

Lily Bao estava sentada na beira do colchão a abotoar a blusa de seda branca. Uma a uma, apanhou do chão as almofadas espalhadas. Fez a cama, enfiando muito bem debaixo do colchão o turbilhão de lençóis em desordem e depois alisando o edredão. Aprendera a fazer isto quando era criança em Newport, enquanto ajudava a mãe, que trabalhara como empregada de limpeza em hotéis de fama

¹ Em português, Comissão de Serviços Secretos do Senado. [N. T.]

² Em inglês, efeminado. [N. T.]

duvidosa depois de imigrarem para os Estados Unidos. Por muito rica que Lily se tivesse tornado, era sempre ela quem fazia a cama.

Ele acabara de se ir embora — ela raramente dizia o nome dele; era como se ele existisse na sua vida apenas como um pronome. Tinham estado juntos menos de uma hora, *um almoço de trabalho*, como ele dissera na mensagem de texto que enviara na noite anterior. Reconhecidamente, fora um de muitos desses «almoços», sempre num quarto de hotel reservado por ela. Não se importava. Compreendia as limitações dele, apesar de ser solteiro. Como marinho casado com o mar, ele era casado com a sua profissão, que era a política, e, tal como um marinheiro ama e teme o mar, ele amava e temia as pessoas para quem trabalhava, pelo que mantinha os seus relacionamentos em secretismo. Porque quem sabia como os seus inimigos a poderiam utilizar contra ele?

Nat Shriver tinha muitos inimigos. Ela soubera disto sobre ele antes de saber qualquer outra coisa. Sobrinho-bisneto de Maria Shriver, era uma mistura de Shriver, Schwarzenegger e Kennedy... e também uma mistura da Califórnia e do Massachusetts. Era tudo para todos, um melhor amigo, um pior inimigo. Só não era monótono, neutro; toda a gente, fosse quem fosse, tinha uma opinião sobre Nat Shriver. Este senador que um número crescente de americanos acreditava ser capaz de eliminar a tirania da governação monopartidária.

Era também, para enorme surpresa de Lily Bao, seu amante.

■ ■

12h17, 12 de março de 2054 (GMT-5)

De São Paulo até ao JFK

Enquanto Chowdhury olhava o vazio pela janela, a assistente de bordo, uma morena de meia-idade com os lábios pintados num tom garrido que parecia pertencer a outra era das viagens aéreas,

pousou a mão no braço dele, o que o assustou e lhe causou um pequeno tremor no peito.

— Desculpe — disse ela. — Deseja alguma coisa antes de aterrarmos?

Ele pediu água. Tinham-se começado a formar gotículas de suor na testa de Chowdhury e, antes de se conseguir acalmar sorvendo um pouco de água, sentiu uma pequena vibração no pulso esquerdo, não totalmente desagradável, obra do cardiologista de Nova Deli que instalara um dispensador de serotonina perto da sua artéria radial. Chowdhury respirou fundo duas vezes, sorveu a água e ligou o noticiário.

O presidente dos EUA, Ángel Castro, apareceu no ecrã diante de uma multidão. De maxilares retilíneos, com uma farta cabeleira negra, que pouco embranquecera durante os seus dez anos no cargo, Castro encontrava-se numa tribuna com uma flotilha de vasos de guerra de casco cinzento ancorados por detrás dele. No infográfico podia-se ler: *Vigésimo Aniversário do Incidente do Wén Rui Celebrado em San Diego*. Não era coincidência o facto de Chowdhury ter escolhido este dia para regressar aos Estados Unidos. O que o surpreendeu foi o presidente decidir também assinalar a data. Ao longo dos três mandatos da sua administração, Castro nunca se envolvera nos eventos dessa guerra desastrosa.

O discurso de hoje foi uma mudança surpreendente: «A reinvenção é a alma da nossa nação», começou o presidente Castro. «Apenas o povo americano poderia eleger um presidente chamado “Hussein” e depois, duas gerações mais tarde, eleger outro chamado “Castro”...» Tratava-se de um gracejo conhecido. Proferiu alguns tropos bastante gastos sobre o país erguer-se das cinzas da guerra para superar a insurreição social e a disfunção económica, até chegar ao busílis das suas observações: «Reunimo-nos aqui hoje para celebrar uma hora sombria. Durante demasiado tempo, esses

eventos estiveram envoltos num manto de silêncio quando deveriam ser uma fonte de orgulho nacional, a par de Pearl Harbor e do 11 de Setembro, um momento trágico que dá origem a um eventual triunfo.»

Castro agarrou as duas laterais da tribuna, a dianteira ornada com a chancela do presidente dos Estados Unidos, enquanto enaltecia as virtudes daqueles cujos «sacrifícios estão entrelaçados no firmamento da nossa nação», aludindo a nomes que Chowdhury conhecia: *Almirante Sarah Hunt, Comandante Jane Morris, Major Chris «Wedge» Mitchell*. Enaltecer os sacrifícios feitos numa guerra ida não seria novidade num presidente, só que Castro alicerçara a sua carreira política denegrindo as pessoas por detrás da calamidade que começara neste dia. A súbita mudança deixou Chowdhury com a pulga atrás da orelha em relação aos intentos de Castro. Um quarto mandato, presumiu, para o que precisaria de consolidar a sua coligação. Os veteranos daquela guerra constituíam um significativo bloco que Castro negligenciara.

Este apego ao poder começara a desgastar a popularidade de Castro. Os seus apoiantes do Partido Sonho Americano — os autoproclamados Sonhadores — alegavam que era o presidente mais importante desde Washington, mas a oposição no Partido Democrata-Republicano contrapusera com a parangona: «Como não pode sair de Washington, ele nunca será Washington.» Quando confrontados com a crítica, Castro e os seus aliados apontavam como desculpa para a «liderança estável» a recuperação ainda precária do país. Parecia estar prestes a dar a mesma desculpa alarmista hoje. «Apesar de termos descido a montanha da catástrofe», disse, levantando a mão como um sacerdote com a sua Bíblia, «ainda caminhamos nos contrafortes do declínio...»

Contrafortes do declínio... Santo Deus, quem escreve estas tretas?, pensou Chowdhury. Riu e apercebeu-se da assistente de bordo

de pé atrás dele, petrificada, muito séria a observar atentamente o presidente.

— Acha que ele se candidatará a um quarto mandato? — perguntou Chowdury por cima do ombro.

— Quem sabe? — respondeu a assistente de bordo. Tinha os maxilares cerrados.

Castro inclinou-se por cima da tribuna, os cotovelos quase pousados na superfície.

«Honramos os veteranos desta guerra e as suas famílias», disse. «A implacável devastação daquele conflito...» Perdeu a voz. Tossiu e levou a mão a um copo de água a meio da frase, como se tivesse um sapo na garganta. «... obrigou-os a viver à sombra da nossa sociedade tempo demais...»

Castro fez um compasso de espera. Chowdhury conseguiu ver suor a formar-se na testa do presidente.

Agora, o *Gulfstream* ia em descida pronunciada. A assistente de bordo continuava no corredor. Chowdhury perguntou o que ela pensava do discurso.

— O que eu penso? — indagou, transparecendo uma ponta de indignação na voz. Cruzou os braços à frente do peito. Falou para o ecrã. — O meu irmão mais velho foi morto com a Sétima Frota em Mischief Reef... há vinte anos... — disse, como se ela própria não conseguisse acreditar como o tempo passara depressa. Depois calou-se e levantou ligeiramente a mão, como se as memórias se tivessem tornado tão espessas e velozes que teve de as afastar da cara. — Tinha 19 anos.

Castro continuou com as suas alegações, mas com a voz mais fraca, a cara visivelmente mais ruborizada. Estava com dificuldade para terminar. «É por isso que hoje... pretendo anunciar... que...»

— O corpo do meu irmão nunca nos foi devolvido — disse a assistente de bordo, a voz a soar distante e sonhadora, como se

estivesse noutro sítio. Castro levou a mão ao copo de água e teve outro acesso de tosse. — O que eu penso? — perguntou ela outra vez. — Espero que o nosso presidente morra ali engasgado.

■ ■

12h18, 12 de março de 2054 (GMT-5)

Casa Branca

Julia Hunt não conseguiu convencer-se a reconhecer perante o padrinho que fizera algo de errado. Apesar de ser um democrata-republicano, Shriver tinha poder e autoridade para ler a análise dos serviços secretos.

Julia era musculosa e pequena, com os cabelos pretos curtos, com um corte à rapaz. Em Quantico, chamavam-lhe Napoleão, alcunha que a seguira pela corporação durante toda a carreira de agente dos serviços secretos, que fora promissora, excetuando um infeliz incidente. Quando um coronel de seu nome Dozer, seu superior no quartel da 8th Street e I Street, observara que, por vezes, ela tinha um comportamento reservado, dissera lascivamente que ela poderia «sair-se melhor» se fosse menos carrancuda e arranjasse um namorado. Tinham estado a beber na messe de oficiais e Hunt respondera partindo-lhe o maxilar com uma caneca de cerveja que agarrara de cima do balcão. Hendrickson conseguira varrer o incidente para debaixo do tapete e integrara Julia na sua equipa pessoal, onde a podia ter debaixo de olho. Por muito brilhante que ela fosse, era uma decisão de que ele começava, cada vez mais, a arrepender-se.

— Não é assim tão simples — disse Hendrickson à afilhada.
— Estás a partir do princípio de que o Shriver irá cumprir as regras...

— Meu almirante, é que...

— Ainda não acabei — ripostou Hendrickson.

Enquanto continuou a enumerar os muitos problemas que Julia lhe causara, ela desviou ligeiramente o olhar para o ecrã atrás dele. O presidente discursava em San Diego, mas estava dobrado num ângulo estranho, a tossir e com dificuldade para terminar as frases. Estava afogueado, como se tivesse acabado de encher uma série de balões. Depois caiu para a frente, agarrado ao peito.

Julia gesticulou para o noticiário a ser transmitido nas costas de Hendrickson.

— Meu almirante... — disse ela.

Hendrickson não queria ser interrompido....

— ... As informações secretas sobre a edição genética remota daquele estudo são altamente sensíveis e continuam a ser de fonte única, mas achas que o Shriver dirá isso quando divulgar ao...

— Meu almirante... — repetiu. Agora o presidente não se mexia. Os agentes dos Serviços Secretos tinham corrido para o palco, formando uma abóbada de fatos escuros por cima do seu corpo.

— Que diabos, Julia, podes ouvir o que eu digo? Não me importa que o Shriver tenha autorizações. Uma pessoa não leva as caneleiras de futebol para um jogo de basquetebol. Há que respeitar as regras do jogo...

— Tio Bunt!

Isto chamou a sua atenção. Hendrickson rodou na cadeira, mesmo a tempo de ver os agentes dos Serviços Secretos a levar o presidente em braços para longe da vista das câmaras.

■ ■

12h20, 12 de março de 2054 (GMT-5)

Ritz-Carlton, Tysons Corner

Mesmo antes de Shriver sair disparado pela porta, dissera a Lily que a amava. Estava com dificuldade para dar o nó na gravata quando o dissera. Ela gostava sempre de o ver vestir-se. Ele parecera

nervoso durante a hora que tinham passado juntos, algo que, de início, ela pensara estar relacionado com uma análise de informações confidenciais de que ele falara, a qual ele convencera uma funcionária júnior da Casa Branca a partilhar com ele.

— Quando trabalhaste no Tandava Group — dissera ele —, soubeste de alguém dedicado à edição genética remota?

Nem sequer estavam na cama quando ele fizera a pergunta, pelo que a resposta fora concisa. Lily trabalhara por conta própria na sua empresa de capital privado apenas nos dois últimos anos, mas antes subira nas fileiras do Tandava Group, onde fora responsável pela gestão de um carrossel das empresas de investimento privado, muitas das quais, de uma forma ou outra, tinham desenvolvido edição genética remota. Este santo graal da biotecnologia prometia que, com a facilidade de uma atualização de software, populações inteiras poderiam criar resistência a qualquer número de epidemias ubíquas que tinham tiranizado este século XXI, globalmente integrado, já para não falar de outras potenciais aplicações da edição genética remota. Embora conhecesse a área científica e alguns dos intervenientes que tinham chegado lá perto, tanto quanto sabia, ainda ninguém conseguira fazer esse importante avanço. Dissera-lhe isso mesmo enquanto se metiam debaixo dos lençóis.

Porém, uma hora mais tarde, quando dissera que a amava enquanto estava meio despido à frente do espelho, os seus olhos tinham brilhado ao mesmo tempo que um sorriso levantava uma linha relutante na sua boca. Fora como se, ao fazer essa confissão, lhe tivesse saído um peso dos ombros. Ela pusera-se nua à frente dele e agarrara as duas pontas da gravata vermelha. A medo, ele levantara a mão até à anca dela, mas Lily afastara-a. Ele era um político de sucesso, por isso, por definição, um hábil manipulador. Talvez ela o amasse, mas ele tinha a capacidade de a enganar. Ela não podia admitir sentimentos idênticos, quer os tivesse quer não. Pelo menos, ainda não.

— Eu sei — disse, tão-só.

— Sabes?

— Sei — respondeu, fazendo deslizar o nó da gravata e apertando-a num Windsor perfeito. — Eu sei.

Ele beijou-a na boca e ela também o beijou. Depois ele foi-se embora.

Enquanto se estava a vestir, Lily reviu o sucedido mentalmente. *Eu sei... Eu sei... Eu sei...*

As palavras repetiram-se incessantemente.

A única coisa que realmente sabia era que nada sabia.

Sentou-se na beira da cama feita na perfeição e ligou o noticiário.

■ ■

12h57, 12 de março de 2054 (GMT-5)

Aeroporto Internacional JFK

O piloto foi à traseira do avião enquanto este seguia em modo automático para o terminal de chegadas. Chowdhury passou os olhos pelas notícias no seu headsUp, as quais emanaram de uma pulseira que trazia no pulso. Quando o cardiologista de Nova Deli implantara o dispensador de serotonina no seu pulso, dissera a Chowdhury que, se quisesse, também poderia instalar um microchip capaz de projetar um headsUp na sua retina — assim, Chowdhury poderia evitar ter de usar uma pulseira. Porém, Chowdhury não conseguiu habituar-se à ideia de implantar mais tecnologia no seu corpo. Quando mencionara a sua relutância a Ashni, ela dissera ao pai que muitos dos seus amigos estavam a implantar o chip no pulso.

— Quem quer andar sempre com aquela pulseira horrível? — dissera ela. — E tens de ter o headsUp. Não é possível viver sem um. É praticamente uma extensão do nosso corpo, por isso porque não meter aquele microchip no pulso? Microchips, moléculas, é tudo a mesma coisa.

Pode até ser, pensara Chowdhury.

Para além das contas de redes sociais de vários Realistas conhecidos, que insistiam que o presidente fora vítima de um grave problema de saúde, o consenso generalizado nos meios de comunicação social era de que Castro estava bem e a repousar confortavelmente no seu hotel depois de ter sofrido aquilo que os peritos reunidos à pressa concordaram ser «exaustão», resultante de uma agenda de viagens extremamente exigente. «Leva-se ao limite no cargo...», dizia um perito. «O seu estilo de liderança interativo, embora benéfico para o povo americano, pode prejudicar-lhe a saúde...», observava outro. Na atualidade, aquele brando servilismo era comum, muito diferente dos tempos de Chowdhury na Casa Branca, quando a comunicação social se apressava a empolar o mais pequeno lapso numa declarada crise constitucional.

O piloto regressou à cabina e disse os gracejos da praxe, confirmando que o carro e o motorista de Chowdhury estavam à espera dele à porta do terminal. O piloto desculpou-se pelo incómodo: o terminal de chegadas privado para VIP, com os seus serviços alfandegários e de imigração separados, estava encerrado.

— Acabaram de me informar, senhor. Lamento, mas teremos de parar no terminal de voos comerciais.

Chowdhury não se importava. Era igualmente rápido. Ao contrário de tempos idos, com as intermináveis filas de imigração e pelotões de agentes do Departamento de Segurança Interna a carimbar passaportes, na atualidade bastava subir para um tapete rolante no terminal de voos comerciais, o qual levava as pessoas por um terminal de desembarque com o comprimento de dois campos de futebol. Sinalética ladeava o terminal de desembarque relembrando aos passageiros, com delicadeza e insistência, de que deveriam olhar para os ecrãs, que rastreavam os rostos. Avanços na computação quântica e na tecnologia de reconhecimento facial

tinham tornado os passaportes obsoletos. Um espelho unidirecional estendia-se ao longo de toda a extensão do tapete rolante. Do outro lado, fora de vista, havia agentes do Departamento de Segurança Interna armados.

Hoje, porém, os agentes estavam à vista de toda a gente. Em alerta máximo, percorriam toda a extensão do tapete rolante, com coletes à prova de bala e empunhando espingardas de assalto com as mãos enluvadas. Chowdhury não se lembrava de alguma vez ter visto uma segurança tão apertada na imigração. Era como se estivessem à procura de alguém.

Imprevidentemente, Chowdhury cruzou o olhar com um agente corpulento, o olhar encoberto por óculos de sol de desenho aerodinâmico. O agente abeirou-se de Chowdhury, a palma da mão no punho da espingarda de assalto.

— Senhor — disse, com rispidez —, é favor olhar para o ecrã.

■ ■

13h22, 12 de março de 2054 (GMT-5)

Casa Branca

No gabinete de Hendrickson, ouviu-se o barulho agudo do telefone antiquado. Apesar de haver vários e redundantes sistemas de comunicação segura, ele preferia tratar dos assuntos mais sensíveis pela sua linha vermelha, uma tecnologia que ainda não fora significativamente atualizada desde o século xx. Julia Hunt continuou a ver as notícias enquanto a assessora de imprensa, Karen Slake, a única funcionária do governo que mantinha um gabinete na Ala Oeste, se apressara a ir ao gabinete de Hendrickson e estava agora ao lado da secretária deste. Com quase um metro e oitenta e dois de altura, debruçou-se para tentar ouvir enquanto Hendrickson recebia as últimas notícias do médico da Casa Branca em San Diego.

— Hum-hum... hum-hum... — Hendrickson fez um compasso de espera. — Então, está estável.

O médico da Casa Branca deu alguns pormenores. Hendrickson levantou o polegar para Slake, que lhe disse para perguntar dentro de quanto tempo poderiam captar imagens do presidente para as pessoas poderem comprovar que ele estava bem. Hendrickson tapou o bocal do telefone com a palma da mão.

— Precisa mesmo de saber isso agora? — perguntou. Segundo o médico, o presidente sofrera um ataque cardíaco quase fatal.

— *Sim* — respondeu Slake, imprimindo a entoação na palavra. — Preciso.

Assim, Hendrickson perguntou. A julgar pelo volume da resposta enfática que se ouviu do auscultador, não foi preciso explicar a Slake qual era a opinião clínica do médico da Casa Branca sobre realizar um evento para a imprensa.

Depois de Hendrickson desligar, Slake explicou o seu plano de contingência. A sua equipa do recém-criado Departamento de Imprensa do governo federal já conseguira imagens, que estava naquele preciso instante a editar seletivamente, a modificar digitalmente e a lançar nas redes sociais e nos meios de comunicação social tradicionais. Tinham-se apressado a começar uma limpeza algorítmica a qualquer narrativa de o presidente sofrer uma emergência médica, enterrando essas histórias. Slake disse que ainda poderia fazer melhor: dentro de poucas horas — com a ajuda de alguns pivôs dos noticiários da noite que lhes eram leais — poderiam dominar por completo quaisquer narrativas conflituosas e reduzir o incidente daquele dia a pouco mais do que um tropeção do presidente na tribuna depois de fazer um apaixonante discurso no aniversário do Incidente do Wén Rui. Slake já contactara o Departamento de Segurança Interna e pedira para lhe fazerem chegar quaisquer informações interessantes sobre detenções na

fronteira, pessoas suspeitas que tivessem sido separadas das linhas de imigração, de modo a poder exagerar essas histórias para desviar as atenções da crise entre mãos — o terrorismo e a criminalidade entre a comunidade de imigrantes eram distrações garantidas.

Hendrickson ouviu pacientemente.

— Mas e se ele morre?

— Quem? — respondeu Slake.

— O Castro... O presidente... E se o médico da Casa Branca estiver equivocado... E se as pessoas descobrem que está a enganá-las?...

Slake fitou-o com um olhar vago, inclinando a cabeça para o lado, como se lhe tivessem pedido para resolver o problema x e agora estivessem a pedir para resolver o y .

— Bem... — começou, um pouco hesitante, até reencontrar a determinação. — Se isso acontecer, simplesmente contaremos outra história.

Tocou um telefone, desta vez o *smartphone* encriptado à moda antiga que Julia Hunt levava para o trabalho. Quando olhou para o ecrã para ver quem era, ficou lívida.

— Não vais atender? — perguntou o padrinho.

Hunt levantou o telefone para Hendrickson e Slake verem quem estava a ligar: era o senador Nat Shriver.

■ ■

13h26, 12 de março de 2054 (GMT-5)

Aeroporto Internacional JFK

— Cavalheiro — estalou uma voz de mulher nas suas costas —, vamos ter de lhe pedir para sair aqui.

Chowdhury virou-se. Estava quase no fim do tapete rolante. Conseguia ver a luz do dia no terminal de chegadas mais adiante, as portas duplas automáticas a abrir e a fechar enquanto os passageiros

passavam pela imigração. Mantivera os olhos fixos nos ecrãs no alto enquanto transmitiam as notícias e lhe rastreavam o rosto. Porque lhe estavam a pedir para sair do tapete rolante? Sentiu-se assediado e, naquela fase da vida, achava que era alguém que não deveria sofrer tal assédio.

— Algum problema, senhora agente? — perguntou.

Uma agente dos serviços de imigração compacta, com a solidez de uma ginasta e uns olhos pequenos e cruéis, abriu um portão de saída.

— Nenhum problema, cavalheiro — disse ela. O tapete rolante parara. — Mas o senhor tem de me acompanhar.

— Tenho vários compromissos na cidade — disse Chowdhury, o que não era mentira. Esperava encontrar-se com o cardiologista nesse final de tarde, uma consulta ao domicílio na sua suíte no Carlyle, onde ficaria hospedado até o seu apartamento aí ficar pronto; porém, ao proferir estas palavras, percebeu que estava a falar num tom arrogante, o que evidentemente não jogava a seu favor. Um colega da agente, um halterofilista ao lado da ginasta, acercou-se deles e perguntou se havia algum problema.

— Não — disse Chowdhury. — Nenhum problema, eu é que preciso de chegar à cidade.

Atrás dele, os outros passageiros que estavam no tapete rolante cruzaram os braços e mudaram o peso de um pé para o outro. Alguns suspiraram, impacientes.

— Saia aqui, cavalheiro — disse a mulher, com mais premência. Levou a palma da mão ao cinto, onde estavam dependurados as algemas e o gás-pimenta. Chowdhury foi escoltado à volta do espelho falso até uma sala de interrogatório. Quando a porta se fechou nas suas costas, ouviu as notícias que continuavam a zumbir nos ecrãs por cima do tapete rolante: um dos pivôs estava a dar conta de relatos de um pequeno aumento de incidentes na fronteira.

■ ■ ■ ■

■ ■

13h42, 12 de março de 2054 (GMT-5)

Capitol Hill

Julia Hunt atendera o telefonema de Shriver com Hendrickson e Slake a pairar por cima do seu ombro. Shriver pedira a Hunt para ir a uma reunião no gabinete dele no Capitólio. Ela sabia que o padrinho não confiava nela para ter uma reunião com Shriver sozinha, mas ele não podia dar-se ao luxo de se ausentar da sua secretária, não no meio de uma crise. Por isso, dissera a Hunt para ir.

Quando ia a sair pela porta, Hunt viu de relance o vice-presidente, o terceiro a prestar serviço durante os mandatos de Castro, quando este surgiu numa videochamada com Slake e o seu padrinho. Professor de matemática do ensino básico que enveredara por uma carreira política, de seu nome Smith, este vice-presidente era intrinsecamente pouco memorável. Smith era tão pouco memorável que a última campanha de Castro distribuía um memorando interno a anunciar que a administração seria denominada por administração Castro e não administração Castro-Smith. Hunt ficou feliz por se esquivar à chamada.

No exterior, entrou num táxi autónomo depois de transpor a última barreira de segurança da Casa Branca e disse o seu destino para o sistema de navegação automático. Quando era criança, a mãe de Hunt dissera-lhe que o tráfego passava diretamente à frente da Casa Branca e que se podia conduzir por toda a extensão da Independence Avenue e da Constitution Avenue até ao Capitólio sem passar por um único ponto de controlo. Desde então, tornara-se difícil andar pela cidade, com bloqueios rodoviários e novos protocolos de segurança não muito bem concebidos que interrompiam o fluxo da cidade que Pierre Charles L'Enfant projetara trezentos anos antes.

O congestionamento rodoviário pareceu a Hunt uma metáfora apropriada. A consolidação de poder de Castro depois da sua vitória

em 2044 conduziu a uma década de governação unipartidária que ele codificara com amplas reformas eleitorais aos níveis federal e estatal, bem como com a entrada de três novos estados — Washington D. C., Guam e Porto Rico — para a união de estados.

Os partidos Democrático e Republicano, que perdiam membros há anos, revelaram-se uma fraca oposição. O que sobejou desses dois antigos partidos populistas — a percentagem de americanos a alegar filiação em qualquer um deles a cair para a casa das dezenas — coligou-se para conseguir sobreviver. Com influências de Jefferson, Madison e Monroe, reformularam-se no Partido Democrata-Republicano, embora não tardassem a ficar conhecidos por «Realistas» devido ao seu fanatismo em oprimir todos aqueles que punham em causa a sua versão da «verdade».

Tal como os segregacionistas do Sul e os liberais do Nordeste outrora tiveram uma coexistência agitada com o Partido Democrata, a extrema-direita e a extrema-esquerda da política americana coexistiam agora como Realistas, unidos por um estigma de populismo e um desejo de autonomia política que tornava aliados improváveis secessionistas texanos e agitadores urbanos em megacidades costeiras que exigiam que o governo de Castro lhes concedesse um estatuto de cidade-estado autónoma. Acima de tudo, concordavam que a consolidação do poder político de Castro se tornara uma ameaça urgente para a democracia, a qual tinha de ser controlada e solucionada, ocasionalmente através da violência, mas sobretudo por intermédio de uma obstrução a porções cada vez maiores da sua agenda legislativa.

O mais aguerrido destes obstrucionistas era o presidente da Câmara dos Representantes, o representante Trent Wisecarver. Fora Wisecarver que, muito para espanto de Hunt, estava à sua espera quando chegara ao gabinete de Shriver.

— O senador está uns minutos atrasado — informou. — Mas, por favor, sente-se. — Wisecarver indicou-lhe um sofá de couro.

Ficou de pé com os dedos entrelaçados atrás das costas enquanto sondou as paredes com painéis de carvalho, cheias de lembranças da família de Shriver. — Ele tem um instinto fatal, sabe... — A voz de Wisecarver soou roufenha e ele não concluiu o raciocínio. — Eu sempre disse que ele está fadado a acabar num dos lados do esquadra da morte... Resta saber qual.

Wisecarver tinha mais de 80 anos, mas a idade ainda não o diminuía nem amaciara. O ancião ainda emanava uma chispa de argúcia, intensa como sempre. A necessidade política dera origem à carreira de Wisecarver no Congresso depois dos acontecimentos calamitosos duas décadas antes, quando era conselheiro de segurança nacional durante a guerra com a China. Depois das catástrofes geminadas em San Diego e Galveston, Wisecarver deixara Washington em desonra, regressando à casa da sua família numa cidade militar nas cercanias de Fort Tubman. Quando os veteranos dessa guerra regressaram, encontrando a sua nação em ruínas e o serviço que prestaram posto em causa e ridicularizado, Wisecarver descobrira um fértil território político nos ressentimentos destas pessoas. Candidatara-se a um cargo no Congresso e continuara a sua carreira de sucesso.

Estava de pé ao lado da estante de Shriver a passar os olhos pelos títulos dos livros. Puxou um volume.

— Já leu este? — Passou a obra para as mãos de Hunt; intitulara-se *O Canto do Rouxinol*³ e a imagem da capa era uma fotografia do Monumento aos Veteranos do Vietname. Não a parede de granito preto — aquele mar de sacrifício —, mas a escultura de três soldados que fazem a sua vigília junto da parede, como se estivessem no areal, a contemplar o mar. Wisecarver explicou que a obra versava sobre um escândalo que acontecera quase setenta anos antes,

³ Referência à obra *The Nightingale's Song*, de Robert Timberg. [N. T.]

o apelidado «Caso Irão-Contras», nas suas palavras, que derrubara a presidência Reagan. É claro que Hunt já ouvira falar do Caso Irão-Contras, mas não percebia qual a relação do título da obra com o tema.

— Todas as personagens centrais, como John McCain, Jim Webb, Bud McFarlane, Ollie North, frequentaram a Academia Naval ao mesmo tempo e serviram no Vietname — explicou Wisecarver. — Sabe, um rouxinol só canta o seu canto se ouvir outro rouxinol a cantar primeiro. Depois do Vietname, muitos veteranos ouviram dizer que a guerra que travaram era errada, vergonhosa, uma nódoa para o seu país. Reagan foi o primeiro presidente a dizer aos veteranos do Vietname que se deveriam orgulhar do serviço prestado, que tinham combatido de forma nobre por uma causa meritória. Ele cantou o canto. E eles repetiram-no. Mas muitas vezes de formas destrutivas, como o Caso Irão-Contras. Veteranos do Vietname, como foi o caso de North e McFarlane, determinados a não repetir os erros do Vietname ao abandonar os seus aliados na América Central, começaram a fazer branqueamento de capitais e a canalizar armas ilegais para eles. Enquanto outros veteranos do Vietname, como McCain e Webb, acabaram por ter de responsabilizar os seus antigos camaradas.

Quando Hunt abriu o livro, a lombada estalou como se Shriver ainda não o tivesse lido. As fotografias a preto-e-branco no interior — de McCain ao lado do seu A4, de Webb na selva, de North com a sua farda de aspirante da Marinha — fitaram-na desde décadas idas. Diferentes intervenientes do mesmo jogo. Wisecarver disse-lhe que ela podia levar o livro emprestado, o que Hunt achou estranho, considerando que o livro não lhe pertencia para fazer a oferta; mas, bem vistas as coisas, parecia que não havia muitas coisas no Capitólio que Wisecarver não pudesse oferecer como se fossem suas. Os abusos de Castro tinham desencadeado uma crescente

tensão de ressentimento no eleitorado, que Wisecarver utilizara para se catapultar desde um distrito obscuro da Câmara dos Representantes para o cargo de presidente da mesma.

O senador chegou e Hunt meteu o livro na sua pasta.

— Desculpe fazê-la esperar — disse Shriver enquanto se sentava ao lado de Julia no sofá. — Fiquei preso num almoço que demorou mais do que o previsto. — À sua frente, em cima da mesa de apoio, havia um prato de amendoins. Atirou-se a eles como se estivesse esfomeado.

■ ■

17h07, 12 de março de 2054 (GMT-5)

Aeroporto Internacional JFK

Tinham-se passado horas e Chowdhury estava a perder a paciência. Ainda ninguém lhe explicara porque os agentes do Departamento de Segurança Interna o tinham detido. De acordo com os dois que o estavam a vigiar, ele e perto de uma dúzia de outros passageiros detidos estavam «à espera de ser interrogados». Tinham-lhe confiscado a pulseira headsUp, pelo que não tinha forma de comunicar com o mundo exterior e não conseguiu deixar de pensar nas vantagens de ter um instrumento tecnológico integrado no corpo, nas formas imprevisíveis como poderia libertar uma pessoa, como, por exemplo, agora. Em vez disso, a sua única ligação ao mundo exterior era a televisão por cima da cabeça, sintonizada num canal noticioso simpatizante da administração Castro, com um dos seus pivôs da noite a falar de forma monótona sobre a ameaça dos Realistas e da sua agenda obstrucionista, em especial agora que tinham uma maioria na Câmara dos Representantes.

Uma agente da imigração passou por perto.

— Minha senhora — disse Chowdhury com toda a delicadeza que conseguiu —, posso, por favor, fazer um telefonema?

— O que foi que o outro agente lhe disse?

O outro agente dissera a Chowdhury que ele poderia fazer um telefonema assim que fosse processado; porém, Chowdhury não sabia ao certo o que implicaria o processamento nem se ocorreria em breve. Isto não granjeou muita simpatia da agente que ia a passar, que regressou à sua secretária enquanto Chowdhury foi obrigado a voltar a ver as notícias. O pivô anunciou que, depois do intervalo, o vice-presidente Smith se juntaria a eles para uma entrevista em direto. Chowdhury achou estranho o vice-presidente aparecer sozinho num programa de notícias de final da tarde, em especial num dia em que o presidente fizera um discurso importante.

O intervalo terminou e o vice-presidente Smith estava sentado ao lado do pivô na mesa da redação. O pivô perguntou se o vice-presidente desejava falar sobre os rumores maliciosos segundo os quais o presidente tivera um problema de saúde. A imagem dividiu-se em duas, com imagens de Castro a tropeçar na tribuna, mas agora a recuperar depressa, ao lado da imagem em direto do vice-presidente Smith.

— É evidente que se tratou de um incidente sem importância — disse. — O que me entristece é a forma como os inimigos políticos do presidente estão a tentar tirar partido da situação. — O vice-presidente Smith continuou a explicar que estas alegações revelavam como os Realistas estavam desesperados, insinuando ainda que outras imagens que circulavam nas redes sociais, nas quais o presidente cai ao chão, foram profundamente manipuladas e seriam provavelmente fruto de uma campanha de desinformação estrangeira.

— Desinformação engendrada por que países? — indagou o pivô, ao que Smith respondeu:

— Trata-se de informação confidencial. Não posso revelar.

Smith foi convincente. Olhou fixamente a câmara com os seus olhos azuis. Quando Chowdhury estava quase a acreditar nele,

aconteceu uma coisa estranha: apareceu uma mosca. De início Chowdhury pôs-se de pé, convencido de que era no seu próprio ecrã. Agitou a mão para a enxotar, mas foi então que percebeu que aquela mosca preta e gorda estava no cenário, a andar em bicos de pés pelos cabelos grisalhos fartos como um capachinho do vice-presidente.

O pivô, que estava a olhar para o vice-presidente, fingiu não reparar.

Quando a mosca passou para a testa do vice-presidente, Smith não reagiu. Poderia admitir aquilo que todos podiam ver nitidamente simplesmente enxotando-a. Ninguém pensaria mal dele por isso; afinal de contas, estas coisas acontecem, mesmo a grandes homens. Porém, ele optou por não o fazer. Pelo contrário, continuou com a sua mensagem, fingindo que aquilo que evidentemente toda a gente via não estava a acontecer. Expressou as suas preocupações pela república, o seu desprezo pelos inimigos, e disse num tom muito estridente, de cenho franzido:

— O nosso presidente é forte. Quaisquer alegações em contrário são um disparate, rumores maliciosos que nem vale a pena refutar.

■ ■

17h42, 12 de março de 2054 (GMT-5)

Capitol Hill

Shriver e Wisecarver foram direitos ao assunto. Apenas alguns dias antes, aparecera num *website* chamado Common Sense uma sequência de código, inconfundível como uma impressão digital. O código estava incompleto, uma sequência de frases de programação que agrupavam um mapa parcial de ácidos nucleicos, cadeias de aminoácidos e proteínas. Porém, tinha correspondências com segmentos de código do trabalho «Avanços na Edição Genética Remota entre Atores do Estado e Outros», o *briefing* de informações secretas altamente confidencial que Hunt partilhara com Shriver.

Combinando um profundo conhecimento em IA e biotecnologia com a possibilidade do advento da Singularidade, em simultâneo com a sua sofisticada assinatura geopolítica, Elliot Ackerman e o Almirante James Stavridis criaram uma vez mais uma obra visionária.

Passaram-se 20 anos desde o catastrófico conflito entre os Estados Unidos e a China, o qual fez colapsar a antiga ordem política norte-americana e surgir um novo partido, que detém o poder há mais de uma década. Ainda que o presidente controle os *media* e não olhe a meios para permanecer na Casa Branca, já não controla as ruas, e as suas tentativas de cimentar o poder têm enfrentado resistência violenta. Subitamente, durante um discurso sobre o estado da nação, o presidente colapsa. Após um surto inicial de falsas notícias, a Administração anuncia com relutância a sua morte e o país mergulha numa nova guerra civil.

Todos os sinais apontam para que a morte do presidente seja fruto de um avanço extraordinário na tecnologia de Inteligência Artificial, do qual o assassinio à distância de uma figura de poder nem será a implicação mais perigosa.

Enquanto as maiores potências mundiais, antigas e novas, lutam por superar os seus rivais neste novo Grande Jogo de descoberta científica, os resultados poderão afetar todas as democracias.

«Um retrato abrangente e ressonante de um mundo que enfrenta um poderoso avanço tecnológico que não compreende totalmente. Os resultados são genuinamente assustadores.»

Publishers Weekly



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789897877520



9 789897 877520 >